

PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA - LEVANTAMENTO DA BIOTA

Vicente, A., A.S. Ribeiro, E.A. Santos & C.R.P. Franco 2005. *Levantamento Botânico* pp. 15-37. In: Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota (C.M. Carvalho & J.C. Vilar, Coord.). Aracaju, Ibama, Biologia Geral e Experimental - UFS.

LEVANTAMENTO BOTÂNICO

*Adriano Vicente
Adauto de Souza Ribeiro
Everton Amancio dos Santos
Clóvis Roberto Pereira Franco*

Métodos

As informações botânicas sobre o domo de Itabaiana são resultados de trabalhos realizados pela nossa equipe desde 1997, como os de Vicente *et al.* (1997) e Vicente (1997, 1999), sobre os habitats do domo e a fitossociologia das matas da encosta oeste, e Vilar *et al.* (2000), sobre distribuição espacial de plantas. Também incluímos neste relato resultados inéditos das pesquisas realizadas no domo por Adauto de Souza Ribeiro e Clóvis Roberto Pereira Franco, sobre agrupamentos vegetais, briófitas e pteridófitas. Parte do material coletado está depositado no Herbário do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe, parte no Herbário da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Tabelas 1 e 3, pp. 30-37).

As formações abertas do domo de Itabaiana

Foram identificadas 114 espécies de plantas nas áreas abertas; destas, 26 são exclusivas deste habitat e 88 ocorrem também em outros habitats (Tabela 1). Dois tipos fisionômicos de vegetação predominam no domo: i) áreas abertas, com solos de areias brancas, mais predominantes na encosta leste, ii) áreas fechadas, formadas por vegetações arbóreas, encontradas nas margens dos quatro riachos da encosta leste e na encosta oeste, onde a mata é mais extensa e estruturada na sua porção sul. Vicente *et al.* (1997) reconhecem seis habitats do domo de Itabaiana: i) areias brancas desnudas, ii) vegetação arbustiva, iii) gramíneas e ciperáceas, iv) palmeiras, v) áreas úmidas e periodicamente alagadas, vi) as áreas com plantações.

i) Areias brancas

O solo deste hábitat é recoberto por gramíneas e ciperáceas, *Cladonia* sp. (líquen), arbustos, sub-arbustos, arvoretas e palmeiras (Figuras 4-6). São também comuns nestas áreas as bromélias, a cactácea cabeça-de-frade, *Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) Lützelb., e a canela-de-ema, *Vellozia dasypus* Seub. Estas plantas formam grupos de indivíduos da mesma espécie, como as palmeiras, a cabeça-de-frade e a canela-de-ema (Vilar, *et al.*, 2000) ou ocorrem associadas entre si e com arbustos, formando moitas de estrutura mais complexa, 1-2 metros de altura, cujo substrato é propício para que outras espécies também ali se desenvolvam. As espécies funcionais constituem o estrato superior destas moitas, as plantas mais novas o inferior (berçário), formando as seguintes associações:

Agrupamentos Arecaceae – Cactaceae

São compostos por espécies funcionais constituídas pelas palmeiras *Atallea acaulis*, *Allagoptera arenaria* ou *Syagrus schizophylla* (Arecaceae), as quais formam berçário para *Hirtella* sp. (Chrysobalanaceae) e *Vellozia dasypus* (Velloziaceae) (Figura 1). O solo é recoberto por vegetação herbácea e *Cladonia* sp. O conjunto destes agrupamentos corresponde ao hábitat das palmeiras, descrito por Vicente *et al.* (1997).

Agrupamentos Myrtaceae - Velloziaceae

Neste tipo de associação, os agrupamentos são mais esparsos, com poucas espécies funcionais arbustivas; as Myrtaceae formam berçário para *V. dasypus* e *Bromelia* sp. (Figura 2). Nas bordas das moitas ocorrem *Cladonia* sp. e *M. zehntneri* (Figura 3). As ervas da família Lamiaceae, *Hyptis fruticosa* e *Hyptis* sp. e outras espécies da família Rubiaceae formam manchas de aspecto ruderal, enquanto as gramíneas *Axonopus aureus*, *Andropogon bicornis*, *A. leucostachyus* e *Pappophorum* sp. formam associações com as ciperáceas.

Agrupamentos Clusiaceae – Bromeliaceae

Os agrupamentos formados por *Clusia* sp. e *Kielmeyera* sp. são comuns nas áreas abertas. As partes sombreadas do solo, formadas pelas projeções dos estratos superiores (*Clusia* sp.), são recobertas por folhicho denso. As estruturas destas moitas variam em função dos tamanhos, no geral as maiores têm no interior *Bromelia* sp.

e *V. dasypus*, nas bordas podem ocorrer pteridófitas, musgos e líquens; briófitas (Tabela 2) também são frequentes (Yano, 1994).

Comentários

As areias brancas do domo de Itabaiana têm sido relacionadas com as restingas dos cordões arenosos litorâneos (Cunha, 1993; Governo de Sergipe, 1978). Entretanto, para isso ser válido, a conceituação de restinga teria que ser ampla o suficiente para englobar áreas mais distantes do litoral e com maiores altitudes, como é o caso do domo de Itabaiana, além de incluir outros tipos de relevos e vegetações. As restingas litorâneas possuem aspectos típicos, como as faixas paralelas de depósitos sucessivos de areias, as lagoas originadas do represamento de antigas baías e as dunas resultantes do trabalho do vento sobre a areia da restinga (Guerra, 1980). A origem das areias das restingas pode estar relacionada com o nível do mar, que expôs saliências cristalinas quando esteve dezenas de metros mais baixo (clima seco), criando fontes de areias para as restingas. A presença das areias brancas na região do domo pode estar mais relacionada ao ciclo de erosões daquele complexo e paleoclimas do Pleistoceno, do que com movimentos do mar durante um ótimo úmido, quando a linha da costa esteve menos recuada (Ab'Saber, 1979).

ii) Vegetação arbustiva

As áreas arbustivas do domo de Itabaiana estão com a fisionomia descaracterizada devido às constantes queimadas e às retiradas de madeira. São arvoretas das famílias Melastomataceae, Lythraceae, Rubiaceae, Asteraceae e Malpighiaceae, 2-3 metros de altura, as quais formam um conjunto mais encorpado nas áreas abertas. As espécies predominantes são dos gêneros *Polygala*, *Coccoloba*, *Himatanthus* e *Manilkara*, as quais também estão presentes nas áreas fechadas. Estes conjuntos sobressaem como ilhas isoladas de vegetação mais densa. Uma característica deste agrupamento, que o diferencia dos demais, é a ocorrência de substrato com orquídeas. Moradores da região às vezes chamam este hábitat de carrasco, um tipo de formação vegetal encontrada no Planalto de Ibiapaba e ao sul da Chapada do Araripe (Governo do Ceará, 1986), a qual é muito diferente da área de arbustos presente no domo.

Comentários

Uma observação que merece atenção é a presença de plantas do cerrado nos habitats arbustivos, como a lixeira, *Curatella americana* (Dilleniaceae), *Qualea* sp. (Vochysiaceae) e *Byrsonima* sp. (Malpighiaceae), o que levou algumas pessoas a considerarem estas áreas do domo como manchas de cerrado (Franco, 1983, 1993; Ministério do Interior/Governo de Sergipe, 1976; Cunha, 1993). Entretanto, a presença de apenas um elemento, dentre vários que constituem a vegetação do cerrado, não é suficiente para caracterizar as áreas arbustivas como pertencentes a este domínio, de acordo com as conceituações e limites dos domínios morfoclimáticos (Ab'Saber, 1967; Vanzolini & Carvalho, 1991). Para ser considerada cerrado, a região deveria ter relevo, solo, clima, vegetação e hidrografia de cerrado, o que não é o caso do domo de Itabaiana e nem de qualquer outra área de Sergipe. Desta forma, achamos mais apropriado considerar a vegetação arbustiva do domo como um habitat pertencente ao domínio morfoclimático da mata atlântica.

iii) Áreas úmidas e periodicamente alagadas

As áreas alagadas durante a época das chuvas estão situadas nos terrenos planos da encosta leste do domo, entre os riachos. Nestas áreas há acúmulo de folhicho e o fluxo de água forma um solo escuro e úmido, composto por matéria orgânica topotrófica e ombrotrófica (Moore, 1989).

iv) Áreas com gramíneas e ciperáceas

Este habitat está localizado entre a vegetação arbórea da margem direita do riacho Água Fria e o final da primeira mancha de areias brancas, que aparece entre os riachos Coqueiro e Água Fria, onde ocorre o agrupamento Clusiaceae - Bromeliaceae. Predominam nesta área plantas das famílias Poaceae, Cyperaceae, Velloziaceae e Cactaceae. São comuns neste habitat as árvores e arbustos dos gêneros *Polygala*, *Coccoloba*, *Byrsonima*, *Cecropia*, *Kielmeyera*, *Vochysia*, *Bonnetia* e *Tibouchina*. A fisionomia da vegetação é composta por três estratos: arvoretas isoladas, de aproximadamente 2,0 metros de altura, arbustos esparsos de 1,0-1,5 metro de altura e pequenos arbustos de 0,5-1,0 metro de altura. O chão é recoberto principalmente por gramíneas, ciperáceas e vegetação rasteira, formando um tapete. Este conjunto, mais os afloramentos de rochas e fragmentos destas, dão a este habitat um aspecto de campo limpo rochoso. O solo é de cor vermelho-ferrugem,

concrecionado.

Comentários

Este hábitat é predominante nas partes mais altas do domo, onde também ocorrem “lentes” de areias brancas com a presença da cactácea cabeça-de-frade e da velozícea canela-de-ema. Há algumas citações na literatura denominando esta área como campo rupestre (Franco, 1993; Barreto, 1992). Isto se deu principalmente pela presença de algumas espécies que ocorrem nos rupestres, como *Vellozia dasypus*, *Vochysia* sp. e *Kielmeyera rugosa*, mas é difícil esta caracterização com base apenas na presença de algumas espécies de plantas, faltam também outros elementos, como altitude, solos, clima e a presença do cerrado (descrição e localização dos campos rupestres em Eiten, 1992).

v) Áreas com plantações

As plantações ocorrem principalmente na porção norte da vertente oeste do domo e na base de quase toda a vertente leste, entre o município de Areia Branca e o domo. Recentemente está ocorrendo uma expansão das áreas de plantações, devido à formação da barragem do rio Jacarecica, ao norte do domo, e das áreas de colonização completamente desordenada na área de influência da barragem, o que está causando alto impacto ambiental no entorno do domo de Itabaiana. As principais culturas nestas áreas podem ser categorizadas como de subsistência, visto que não há infraestrutura agrícola adequada e nem planejamento que possam associar a sustentabilidade da exploração da terra com a preservação do meio ambiente. As plantações são cultivadas ao acaso; dentre estas se destacam as culturas incipientes de melancia, amendoim, feijão de corda, mandioca, hortaliças e abóbora, além da exploração predatória de piaçava (*Attalea* sp.) para confecção de vários artefatos.

As formações fechadas do domo de Itabaiana

As matas do domo de Itabaiana podem ser classificadas na categoria Floresta Estacional Semidecidual de Terras Baixas (Gonçalves & Orlandi, 1983; Veloso & Góes-Filho, 1982). As matas provavelmente tinham uma ligação recente com a floresta costeira; o isolamento atual pode ser atribuído às ações antrópicas predatórias (Vicente, 1999; Vicente *et al.*, 1997). As áreas fechadas do domo abrangem o entorno dos riachos e toda a sua base. Está mais fragmentada ou desaparecendo por completo

na porção norte da encosta oeste e em quase toda a área da encosta leste, devido ao povoamento e áreas de plantações. O grau de conservação destas matas é variável, apresentam-se como capoeiras antigas e matas em regeneração. Nós identificamos 210 espécies de áreas fechadas; destas, 88 espécies ocorrem também nas áreas abertas de areias brancas (Tabela 1).

As matas de encosta

A encosta leste, a menos íngreme do domo, está situada defronte ao município de Areia Branca. A mata apresenta-se bastante fragmentada na porção sul da encosta e em rápido processo de degradação na porção norte, devido à recente construção da barragem do rio Jacarecica e à ocupação desordenada no seu entorno. É a área mais impactada do domo. A vegetação está muito devastada, com grandes clareiras no seu interior e recortada por picadas utilizadas pelos moradores. O sub-bosque é desestruturado, mas estão presentes arvoretas esparsas de pequenos diâmetros, com 3-4 metros de altura. No estrato arbóreo, o dossel é aberto e as árvores alcançam em média 7 metros de altura, com poucos indivíduos de perímetro superior a 60cm. As espécies mais comuns são *Cecropia pachystachya*, *Tapirira guianensis*, *Vismia guianensis* e *Psychotria platypoda*. O solo é recoberto por um folhiço pouco espesso, com destaque para a presença de aráceas e bromeliáceas.

O registro das pteridófitas foi realizado nas áreas fechadas da encosta leste, durante os levantamentos rápidos de setembro e em duas coletas posteriores. As áreas amostradas foram os ambientes úmidos e sombreados dos riachos, compreendidas entre as áreas abertas e as partes mais íngremes das matas de encosta. Nestes estudos iniciados por Clóvis Roberto Pereira Franco (UFS) no domo, foram identificadas 16 espécies de pteridófitas, pertencentes a 14 gêneros e 13 famílias (Tabela 3). Uma espécie ainda não identificada, coletada nas áreas úmidas de grutas do riacho dos Negros, é muito interessante e merece atenção: não é arborescente, tem rizoma, a ráquis tem mais de um metro, é bipinada, com os folíolos gigantes e cobertos por fileiras de soros. Esta espécie está em estudo. A samambaia translúcida do gênero *Trichomanes* ocorre somente nos riachos, em ambientes úmidos e sombreados. Foram registradas duas formas do gênero *Trichopteris* (Cyatheaceae), com base nas variações dos folíolos. A família é típica de mata atlântica e na região de Sergipe parece ocorrer apenas no domo, em ambientes úmidos e bem sombreados.

Na encosta leste do domo está situada a microbacia de um dos mais

importantes recursos hídricos da região, o riacho Coqueiro, o qual tem um curso d'água curto. Nasce na encosta norte da Serra Comprida, passa imediatamente para a encosta sul do domo de Itabaiana e corre pela sua encosta leste em quase toda a extensão. Na microbacia deste riacho, localizada entre o domo e o município de Areia Branca, deságuam os demais riachos que nascem no domo de Itabaiana, os quais, juntamente com o Coqueiro, vão formar o rio Jacarecica, nas proximidades da encosta norte do domo. Este rio abastece vários municípios e os fortes impactos ambientais que verificamos nesta região já foram comentados.

Na porção sul da encosta oeste, defronte ao povoado Bom Jardim, a vegetação é mais densa e mais conservada, devido às ações preventivas do Ibama. O estrato arbóreo nesta área tem aproximadamente 9 metros e as emergentes podem chegar a 20 metros de altura, mas são árvores de pequeno diâmetro. Em comparação com o que restou das matas da encosta leste, na oeste o sub-bosque é mais estruturado, apresentando arbustos e arvoretas com aproximadamente 3 metros de altura; o dossel é mais fechado, o que impede a entrada de luz e, conseqüentemente, o estrato herbáceo é menos denso. Nota-se também nesta área, a presença de cipós, trepadeiras e epífitas (bromélias e orquídeas). Na porção norte, a vegetação está muito depauperada, porque os moradores freqüentam mais a área.

Em toda a encosta oeste são freqüentes *Sclerolobium densiflorum*, *Himatanthus articulatus*, *Cupania revoluta* e *Byrsonima sericea*. O solo é raso, com afloramentos de rochas de quartzito e outras rochas cristalinas. Na parte mais baixa, em direção ao norte, nota-se a presença de manchas de areia branca, mas ao contrário da vertente leste, líquens e cactáceas estão ausentes. As árvores são menores e os arbustos ocorrem mais agrupados; *Eschweilera ovata* e *Vismia guianensis* são freqüentes e merece menção a presença de *Curatella americana* nas bordas (Vicente, 1997, 1999).

Com relação à encosta norte, os problemas relacionados à vegetação e conservação já foram mencionados. A encosta sul do domo está situada defronte à Serra Comprida; entre as duas passa a BR-235, uma das rodovias que liga Sergipe à Bahia. As áreas fechadas da encosta sul são mais ralas e baixas do que a oeste, formando um mosaico entremeado por áreas abertas de areias brancas, semelhante à fisionomia da vegetação que ocorre na encosta leste. Na encosta sul do domo corre o trecho inicial do riacho Coqueiro.

As áreas fechadas associadas aos riachos

Estes habitats foram descritos por Vicente *et al.* (1997) como vegetação arbórea e ocorrem no domo de Itabaiana em pequenas manchas, sempre associadas com os riachos ou próximo deles. Eles descrevem as três principais manchas de mata associadas aos riachos da encosta leste. A primeira ocorre logo após uma área de plantações, na encosta sul do domo, quase em contato com a BR-235, e acompanha o riacho Coqueiro (Figura 8-9). A extensão desta mata é de aproximadamente 150 metros de comprimento. No sentido NW para SE, torna-se mais densa; as alturas das árvores variam entre 8-10 metros e ocorrem emergentes. O sub-bosque é mais estruturado, quando comparado às outras manchas de mata. São comuns as bromélias e aráceas, epífitas, cipós e trepadeiras; o folhíço é mais alto do que os das outras áreas com vegetação arbórea. Por alguma razão esta área aparentemente sofre menor ação antrópica. A segunda mancha de mata, menor do que a primeira, ocorre entre os riachos Coqueiro e Água Fria. A terceira, também muito pequena, ocorre ao longo das margens do riacho Água Fria. Esta mancha está em contato com as áreas de gramíneas e ciperáceas, as quais se alongam até as partes mais altas do domo (Figura 7).

Comentários

O conjunto das características gerais destas manchas de vegetação arbórea não se enquadra nas características de mata primária (Goergen, 1983; Martins, 1993; Godron *et al.*, 1968); assemelha-se muito mais a capoeiras em diferentes estágios de sucessão, nos sentidos empregados por Velloso *et al.* (1991), Radambrasil (1983:629) e Goergen (1983). São áreas de vegetação secundária, bastante descaracterizadas da sua estrutura original, degradadas pela ação antrópica e pelos incêndios que atingem o domo. É provável que, num passado recente, as matas que faziam parte do domínio morfoclimático da mata atlântica atingissem esta parte do Estado e recobrissem todo o domo de Itabaiana. Isso leva a outra reflexão, que é como caracterizar as matas beiradeiras dos riachos do domo. Cunha (1993) e Santos (1992) caracterizaram o conjunto desta vegetação associada aos riachos do domo como matas galeria (matas ao longo de rios, cercadas por áreas abertas). Porém, na sua conceituação original (Vanzolini, 1994; Ab'Saber, 1967; Eiten, 1992), estas feições são características do domínio dos cerrados ou de outros domínios formados por áreas abertas naturais, nas quais a mata está associada às várzeas dos rios. No

caso do domo, um possível cenário talvez fosse de uma mata contínua e o que vemos hoje são as feições do que restou. Portanto, as capoeiras e as matas secundárias das margens dos riachos não correspondem às feições naturais originais e seria forçar demais o conceito, caracterizando as matinhas beiradeiras dos riachos do domo de Itabaiana como verdadeiras matas galeria. Isto, entretanto, não tira toda a importância que estas matas têm nas áreas da encosta leste, ao contrário, reforça a relevância destas, porque, embora depauperadas, são remanescentes da mata atlântica e apresentam identidade deste domínio numa região de ecótono.

Fitossociologia

As informações fitossociológicas foram retiradas do estudo realizado por Vicente (1997) na mata da encosta oeste, voltada para o povoado de Bom Jardim. Vicente amostrou 11 parcelas com 738 indivíduos pertencentes a 33 famílias e 66 espécies. As famílias mais ricas em número de espécies foram Myrtaceae (7), Moraceae (5), Sapindaceae (4), Rubiaceae (4), Fabaceae (3), Bignoniaceae (3) e Guttiferae (3). Estas famílias representaram 44% do total de espécies presentes nas parcelas. De acordo com Leitão Filho (1993), as famílias floristicamente mais abundantes de uma região são as que respondem pelos principais parâmetros fitossociológicos.

Com relação à densidade relativa, as famílias que apresentaram maiores valores foram: Caesalpiniaceae (13,55%), Sapindaceae (9,35%), Myrtaceae (7,86%), Lecythidaceae (7,32%), Apocynaceae (5,69%), Malpighiaceae (5,69%) e Anacardiaceae (5,56%), correspondendo a 55% do total. Com relação à dominância relativa compareceram Caesalpiniaceae (20,34%), Anacardiaceae (13,41%), Moraceae (10,88%) e Malpighiaceae (6,44%), num total de 50%.

Os índices de valor de importância (IVI) das famílias da vegetação da encosta oeste foram: Caesalpiniaceae (38,33), Anacardiaceae (23,97), Apocynaceae e Sapindaceae (ambas com 17,39), Moraceae (16,66), Malpighiaceae (16,58), Lecythidaceae (16,43) e Myrtaceae (15,47), representando 53,73% do índice de importância local. A distribuição das famílias de acordo com o índice de valor de cobertura foi: Caesalpiniaceae (33,89), Anacardiaceae (18,97), Moraceae (12,77), Malpighiaceae (12,13), Sapindaceae (11,84), Lecythidaceae (11,43) e Apocynaceae (11,28), perfazendo um total de 50,51%. As espécies que apresentaram maior índice de valor de importância foram *Sclerolobium densiflorum*, *Tapirira guianensis*,

Hymatanthus articulatus, *Eschweilera ovata* e *Byrsonima sericea*, que perfizeram 100% do índice de valor de cobertura total. *Sclerobium densiflorum* ficou em primeiro lugar, com 100 indivíduos; *Hymatanthus articulatus* foi a espécie que ocorreu em todas as parcelas, obtendo o maior valor de distribuição na área (4,95%).

A família Caesalpiniaceae destacou-se em todos os parâmetros fitossociológicos, apesar de conter uma única espécie, *Sclerobium densiflorum*. Este fato ocorreu porque esta planta registrou a maior densidade absoluta (454,55 indivíduos/ha), o que correspondeu a 13,55% do total de indivíduos, aproximadamente o dobro da densidade absoluta de *Eschweilera ovata*, que ocupou a segunda posição em densidade absoluta, com 245,45 indivíduos/ha.

A família Moraceae, apesar de possuir poucos indivíduos (14 no total), ocupou a terceira posição de dominância relativa e a sexta no índice de valor de importância. Isso foi devido à ocorrência de árvores de grande porte, como *Ficus* sp. e uma espécie não identificada desta família.

As distribuições de alturas apresentaram maior frequência de indivíduos entre 6-9 metros de altura, raros ultrapassaram 15 metros. De acordo com Rizzini (1979), nas serras nordestinas a mata atlântica tem entre 10-20 metros, dependendo da região. O índice de diversidade para as manchas de mata do domo de Itabaiana foi 3,54, semelhante ao encontrado por Guedes (1992) na mata de Dois Irmãos, Pernambuco. Estudos sobre diversidade da mata atlântica têm registrado índices entre 2,07-4,36; a alta diversidade de espécies arbóreas parece ser uma característica comum da mata atlântica (Guedes, 1992).

Conservação

Sob o ponto de vista botânico de conservação, nós identificamos as seguintes áreas críticas no domo de Itabaiana, as quais merecem esforços imediatos para serem preservadas:

1. A vegetação da microbacia do riacho Coqueiro, que se estende de sul para norte pela encosta leste do domo e funciona como área tampão e filtro para toda sorte de poluição.

2. A vegetação do entorno das nascentes do riacho Coqueiro, localizadas na encosta norte da Serra Comprida, cujo riacho constitui um dos mais importantes recursos hídricos da região.

3. Toda a porção norte do domo de Itabaiana, que no presente tem sua

vegetação quase completamente destruída em virtude da construção da barragem do rio Jacarecica e da ocupação desordenada.

4. A vegetação da vertente oeste do domo, em especial a porção norte, a qual, juntamente com a porção norte da vertente leste, é a área mais impactada do domo.

5. Vegetação do entorno da barragem do rio Jacarecica, que precisa ser analisada sob o ponto de vista sistemático, estrutural e funcional, em decorrência do represamento do rio e das mudanças do ciclo de nutrientes.

6. As manchas de mata associadas aos riachos das áreas abertas, as quais devem ser estudadas mais intensivamente quanto às suas estruturas e dinâmicas, principalmente quanto às suas relações com as áreas abertas.

7. Os habitats das áreas abertas, que têm estruturas e dinâmicas próprias, cujas associações entre as espécies que as compõem não estão esclarecidas.

8. As vegetações de encosta que fazem contato com as áreas abertas e com os riachos, porque as suas estruturas e efeitos na borda das áreas abertas são desconhecidos.

Referências

- Ab'Saber, A.N. 1967. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. **Orientação**, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo 3:45-48.
- Ab'Saber, A.N. 1979. Os mecanismos da desintegração das paisagens tropicais no Pleistoceno – efeitos paleoclimáticos no período Würm-Wisconsin no Brasil. **Inter-Facies**, Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, S.J.Rio Preto 4:1-19.
- Barreto, M.I. 1992. **Levantamento florístico de uma área de campo rupestre na Serra de Itabaiana**. Monografia, Universidade Federal de Sergipe 37p.
- Cunha, J.C.S. 1993. **Serra de Itabaiana: potencial biogeográfico e perspectivas para preservação e conservação**. Monografia, Universidade Federal de Sergipe 74p.
- Eiten, G. 1982. Brazilian “savannas” pp.25-47. *In*: **Ecological studies: ecology of tropical savannas** (B.J. Huntley & B.H. Walker, Eds.) Springer-Verlag.
- Eiten, G. 1992. How names are used for vegetation. **Journal of Vegetation Science** 3:419-424.
- Franco, E. 1983. **Biogeografia de Sergipe**. Segrase, Governo de Sergipe, Aracaju 136p.
- Franco, E. 1993. **Biogeografia**. 4ª edição, vol. 1. Manuscrito, Aracaju 272p.
- Goergen, 1983. **Crítérios ecológicos para o desenvolvimento de modelos de aproveitamento agrícola adaptados a regiões das Chapadas no Piauí Central/Brasil**. Ministério do Interior-Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, Bundesministerium für Wirtschaftliche Zusammenarbeit (BMZ) - Deutsche Gesellschaft

- für Technische Zusammenarbeit (GTZ) - Convênio Brasil/Alemanha, Promoção da Agricultura em Regiões Semi-Áridas Nordestinas, Teresina, Piauí 243p.
- Godron, M., P. Daget, L. Emberger, G. Long, E. Le Floch, J. Poissonet, C. Sauvage & J.P. Wacquant, 1968. **Code pour le relevé méthodique de la végétation et du milieu: principes et transcription sur cartes perforées**. Édition du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris 291p.
- Gonçalves, L.M.C. & R.P. Orlandi, 1983. Vegetação, pp.573-639. *In*: **Projeto RadamBrasil, folhas SC 24/25 Aracaju/Recife**. Levantamento de Recursos Naturais 30, Ministério das Minas e Energia, Rio de Janeiro.
- Governo do Ceará, 1986. **Atlas do Ceará**. Sudec, Fortaleza.
- Governo de Sergipe. 1978. **Projeto básico para implantação da Estação Ecológica da Serra de Itabaiana**. Condese, Aracaju.
- Guedes, M.L.S. 1992. **Estudo florístico e fitossociológico de um trecho da Estação Ecológica da Mata de Dois Irmãos, Recife, PE**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- Guerra, A.T. 1980. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Ibge, Rio de Janeiro 446p.
- Leitão Filho, H. F. 1993. **Ecologia da Mata Atlântica em Cubatão-SP**. Unesp e Unicamp, São Paulo.
- Martins, F.R. 1993. **Estrutura de uma Floresta Mesófila**. 2ª ed. Unicamp, Campinas 246p.
- Ministério do Interior/Governo de Sergipe. 1976. **Zoneamento ecológico florestal do Estado de Sergipe**. Sudene, Condese, Aracaju 108p. 16 cartas.
- Moore, P.D. 1989. The ecology of peat-forming processes: a review. **International Journal of Coal Geology** 12:89-103.
- Radambrasil. 1983. **Folha SC 24/25 Aracaju/Recife; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra**. Vol. 30, Levantamento de Recursos Naturais, Departamento Nacional de Produção Mineral-Ministério das Minas e Energia, Rio de Janeiro 839p.
- Rizzini, C.T. 1979. **Tratado de fitogeografia do Brasil**. Hucitec e Universidade de São Paulo vol. 1-2.
- Santos, M.L. 1992. **Levantamento florístico das matas de galeria da Serra de Itabaiana/SE**. Monografia, Universidade Federal de Sergipe.
- Vanzolini, P.E. & C.M. Carvalho, 1991. Two sibling and sympatric species of *Gymnophthalmus* in Roraima, Brasil (Sauria: Teiidae). **Papéis Avulsos de Zoologia, S.Paulo** 37(12):173-226.
- Vanzolini, P.E. 1994. Brazilian reptiles in open and closed formations: evolutionary implications. **Anais da Academia Brasileira de Ciências** 66 Supl. 1.
- Veloso, H.P. & L. Góes-Filho, 1982. **Fitogeografia brasileira. Classificação fisionômica-ecológica da vegetação neotropical**. Projeto Radambrasil, Série vegetação, Boletim Técnico 1(1):1-80.

- Veloso, H.P., A.L.R. Rangel Filho & D.C.A. Lima, 1991. **Classificação da Vegetação Brasileira, adaptada a um Sistema Universal**. IBGE, Rio de Janeiro 124p.
- Vicente, A., G.M.M. Araújo, G.P. Lúrio & S.C. Santos, 1997. Descrição parcial e preliminar dos habitats da Serra de Itabaiana, Sergipe. **Publicações Avulsas do Centro Acadêmico Livre de Biologia**, Universidade Federal de Sergipe 1:7-21.
- Vicente, A. 1997. Levantamento fitossociológico de mata mesófila decídua na Serra de Itabaiana, Sergipe. **Publicações Avulsas do Centro Acadêmico Livre de Biologia**, Universidade Federal de Sergipe 1:23-27.
- Vicente, A. 1999. **Levantamento florístico de um fragmento florestal na Serra de Itabaiana-Sergipe**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- Vilar, J.C., N.A.C. Zyngier & C.M. Carvalho, 2000. Distribuição espacial de *Vellozia dasypus* Sembert (Velloziaceae) e *Mellocactus zehntneri* (Britt. et Rose) Lützelb (Cactaceae) na Serra de Itabaiana, Sergipe. **Biologia Geral e Experimental**, São Cristóvão, Se 1(1):5-15.
- Yano, O. 1994. Briófitas da Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 8(1):45-57.



Figura 1. Agrupamento Arecaceae - Cactaceae.



Figura 2. Agrupamento Myrtaceae - Velloziaceae.



Figura 3. Myrtaceae - Velloziaceae, borda das moitas.



Figura 4. Areias brancas: arbustos agrupados.



Figura 5. Areias brancas: arbustos agrupados, solo exposto.



Figura 6. Areias brancas: gramíneas, ciperáceas e arbustos agrupados.

Tabela 1. Vegetação do domo de Itabaiana.

	Área aberta	Área fechada
Acanthaceae		
<i>Ruellia</i> sp.	X	X
Amaryllidaceae		
<i>Hippeastrum stylosum</i> Herb.	X	X
Anacardiaceae		
<i>Anacardium occidentale</i> L.		X
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.		X
Annonaceae		
<i>Xylopia frutescens</i> Aubl.		X
Apocynaceae		
<i>Allamanda puberula</i> A. DC.		X
<i>Allamanda</i> sp.		X
<i>Hymatanthus articulatus</i> (Vahl.) Woodson	X	X
<i>Hymatanthus phagedonicus</i> (Mart.) Woodson	X	X
<i>Mandevilla illustris</i> (Vell.) Woodson	X	X
Araceae		
<i>Philodendron fragrantissimum</i> (Hook.) G. Don.		X
Araliaceae		
<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Decne. & Planch.		X
Arecaceae		
<i>Attalea acaulis</i> var. <i>funifera</i> Mart. ex Spreng.	X	
<i>Allagoptera arenaria</i> (Gomes) Kuntze	X	
<i>Geonoma</i> sp.		X
<i>Syagrus schizophyla</i> (Mart.) Glassman	X	
<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	X	
Asteraceae		
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	X	X
<i>Acritopappus confertus</i> (Gardner) R.M. King & H. Rob.		X
<i>Albertinia brasiliensis</i> Sprengel	X	X
<i>Calea elongata</i> (Gardner) Baker		X
<i>Eupatorium bollotifolium</i> Kunth		X
<i>Mikania nodulosa</i> Sch. Bip. ex Baker		X
<i>Mikania</i> sp.	X	X
<i>Platypodanthera melissifolia</i> (DC.) King & Rob.		X
<i>Vernonia andrade-limae</i> G.M. Barroso	X	X
<i>Vernonia scabra</i> Pers.	X	X
<i>Vernonia</i> sp.		X
Begoniaceae		
<i>Begonia convolvulacea</i> (Klotzsch) A. DC.	X	X
Bignoniaceae		
<i>Jacaranda jasminoides</i> (Thumb.) Sw.	X	X
<i>Jacaranda heteroptila</i> Bureau. & K. Schum.		X
Boraginaceae		
<i>Cordia nodosa</i> Lam.	X	X
<i>Cordia corymbosa</i> Willd. ex Roem. & Schult.		X
<i>Cordia sellowiana</i> Cham.		X
<i>Cordia trichoclada</i> DC.		X
Bromeliaceae		
<i>Aechmea</i> sp.	X	X
<i>Aechmea aquilega</i> (Salisb.) Griseb.		X

Tabela 1. Vegetação do domo de Itabaiana (continuação).

	Área aberta	Área fechada
Bromeliaceae		
<i>Aechmea lingulata</i> (L.) Baker		X
<i>Bromelia laciniosa</i> Mart ex Schult. f.	X	
<i>Hohenbergia horrida</i> Harms.		X
<i>Hohenbergia ridleyi</i> (Baker) Mez.		X
<i>Hohenbergia</i> sp.		X
Burseraceae		
<i>Protium giganteum</i> Engl.		X
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.		X
<i>Tetragastris occhionii</i> (Rizzini) Daly		X
Cactaceae		
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton et Rose) Luetzelb.	X	
<i>Pilosocereus</i> sp.	X	
Caesalpiniaceae		
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	X	X
<i>Cassia angulata</i> Vog.		X
<i>Cassia ramosa</i> Vog.		X
<i>Cassia</i> sp.	X	X
<i>Chamaecrista ensiformis</i> (Vell.) H.S. Irwin & Barneby	X	X
<i>Chamaecrista cytisoides</i> (Colladon) Irwin & Barneby		
var. <i>blanchetii</i> (Benth.) Irwin & Barneby	X	
<i>Senna splendida</i> (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	X	X
Campanulaceae		
<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce	X	X
Cecropiaceae		
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul		X
Celastraceae		
<i>Maytenus nitida</i> Mart.		X
Chrysobalanaceae		
<i>Couepia</i> sp.		X
<i>Hirtella racemosa</i> Lam.		X
Clusiaceae		
<i>Clusia nemorosa</i> G.F.M. Meyer		X
<i>Kielmeyera petiolaris</i> Mart.		X
<i>Kielmeyera rugosa</i> Choisy	X	X
<i>Kielmeyera cf argentea</i> Choisy	X	
<i>Kielmeyera</i> sp.		X
<i>Symphonia globulifera</i> Lf.		X
<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	X	X
<i>Vismia ferruginea</i> Kunth.	X	
Commelinaceae		
<i>Dichorisandra thyrsiflora</i> J.C. Mikan		X
Convolvulaceae		
<i>Jacquemontia montana</i> (Moric.) Meissn.		X
Cyperaceae		
<i>Cyperus</i> sp.	X	
<i>Cyperus haspan</i> L.	X	X
<i>Fimbristylis bahiensis</i> Steud.	X	X
<i>Kyllingia pungens</i> Link.	X	X

Tabela 1. Vegetação do domo de Itabaiana (continuação).

	Área aberta	Área fechada
Cyperaceae		
<i>Lagenocarpus cf. martii</i> Nees	X	
<i>Lagenocarpus rigidus</i> (Kunth) Nees.	X	X
<i>Mariscus ligularis</i> (L.) Urb.	X	X
<i>Pycreus polystachyos</i> (Rottb.) P. Beauv.	X	X
<i>Rhynchospora cephalotes</i> (L.) Vahl.	X	X
<i>Rhynchospora glauca</i> Vahl.	X	X
<i>Scleria cyperina</i> Willd. ex Kunth.	X	X
<i>Scleria</i> sp.	X	X
Dilleniaceae		
<i>Curatella americana</i> L.	X	X
<i>Davilla flexuosa</i> A. St-Hil.		X
Elaeocarpaceae		
<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.		X
Eriocaulaceae		
<i>Paepalanthus myocephalus</i> Mart.	X	X
Erythroxylaceae		
<i>Erythroxylum deciduum</i> A. St.-Hil.		X
<i>Erythroxylum</i> sp.		X
Euphorbiaceae		
<i>Aparisthium cordatum</i> (Juss.) Baill.		X
<i>Chamaesyce thymifolia</i> (L.) Millsp.	X	X
<i>Cnidioscolus urens</i> (L.) Arthur	X	X
<i>Croton klotzschii</i> (Didr.) Baill.		X
<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.		X
<i>Pera ferruginea</i> (Schott.) Müll. Arg.		X
<i>Phyllanthus</i> sp.		X
<i>Sebastiania corniculata</i> (Vahl.) Muell. Arg.		X
Fabaceae		
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	X	X
<i>Clitoria cajanifolia</i> (C. Prest.) Benth.	X	X
<i>Clitoria epetiolata</i> Burkart		X
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.		X
<i>Swartzia acutifolia</i> var. <i>yneziana</i> R. S. Cowan		X
<i>Swartzia apetala</i> Raddi.		X
Flacourtiaceae		
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.		X
Gentianaceae		
<i>Coutoubea spicata</i> Aubl.		X
<i>Irlbachia purpuracens</i> (Aubl.) Maas		X
<i>Lisianthus</i> sp.		X
Heliconiaceae		
<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.		X
Iridaceae		
<i>Trimeza martinicensis</i> (Jacq.) Herb.		X
Lamiaceae		
<i>Hyptis fruticosa</i> Salzm. ex Benth.	X	
<i>Hyptis salzmanniana</i> Benth	X	
<i>Hyptis</i> sp.	X	X

Tabela 1. Vegetação do domo de Itabaiana (continuação).

	Área aberta	Área fechada
Lauraceae		
<i>Persea</i> sp.		X
<i>Ocotea</i> sp.1		X
<i>Ocotea</i> sp.2		X
Lecythidaceae		
<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers.		X
Lythraceae		
<i>Cuphea flava</i> Sprengel	X	X
<i>Cuphea linarioides</i> Cham. & Schltld.	X	X
<i>Cuphea pulchra</i> Moric.	X	X
Malpighiaceae		
<i>Byrsonima blanchetiana</i> Miq.		X
<i>Byrsonima sericeae</i> DC.	X	X
<i>Heteropterys grandiflora</i> A. Juss.		X
Maranthaceae		
<i>Ischnosiphon laxus</i> (Poepp. & Endl.) Körn.		X
Melastomataceae		
<i>Aciotis</i> sp.		X
<i>Comolia ovalifolia</i> (DC.) Triana		X
<i>Clidemia</i> sp.	X	X
<i>Clidemia capitellata</i> (Bonpl.) D. Don.		X
<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don.	X	X
<i>Cambessedesia</i> sp.		X
<i>Desmocelis villosa</i> (Aubl.) Naud.		X
<i>Henriettea stellaris</i> O. Berg. ex Triana		X
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	X	X
<i>Miconia amoena</i> Triana		X
<i>Miconia ciliata</i> (Rich.) DC.		X
<i>Miconia francavillana</i> Cogn.	X	X
<i>Miconia holosericea</i> (L.) DC.		X
<i>Miconia minutiflora</i> (Bonpl.) DC.	X	X
<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	X	X
<i>Tibouchina</i> sp.		X
<i>Tibouchina stenocarpa</i> (DC.) Cogn.	X	X
Meliaceae		
<i>Guarea trichilioides</i> L.		X
Mimosaceae		
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.		X
<i>Inga marginata</i> Willd.		X
<i>Inga thibaudiana</i> DC.		X
<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Willd.) Hochr.		X
Monimiaceae		
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.		X
Moraceae		
<i>Sorocea hilarii</i> Gaudich.	X	X
<i>Ficus</i> sp.		X
Myrcinaceae		
<i>Rapanea guianensis</i> Aubl.	X	X
Myrtaceae		
<i>Campomanesia viatoris</i> Landrum	X	X

Tabela 1. Vegetação do domo de Itabaiana (continuação).

	Área aberta	Área fechada
Lauraceae		
<i>Persea</i> sp.		X
<i>Ocotea</i> sp.1		X
<i>Ocotea</i> sp.2		X
Lecythidaceae		
<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers.		X
Lythraceae		
<i>Cuphea flava</i> Sprengel	X	X
<i>Cuphea linarioides</i> Cham. & Schltld.	X	X
<i>Cuphea pulchra</i> Moric.	X	X
Malpighiaceae		
<i>Byrsonima blanchetiana</i> Miq.		X
<i>Byrsonima sericeae</i> DC.	X	X
<i>Heteropterys grandiflora</i> A. Juss.		X
Maranthaceae		
<i>Ischnosiphon laxus</i> (Poepp. & Endl.) Körn.		X
Melastomataceae		
<i>Aciotis</i> sp.		X
<i>Comolia ovalifolia</i> (DC.) Triana		X
<i>Clidemia</i> sp.	X	X
<i>Clidemia capitellata</i> (Bonpl.) D. Don.		X
<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don.	X	X
<i>Cambessedesia</i> sp.		X
<i>Desmocelis villosa</i> (Aubl.) Naud.		X
<i>Henriettea stellaris</i> O. Berg. ex Triana		X
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	X	X
<i>Miconia amoena</i> Triana		X
<i>Miconia ciliata</i> (Rich.) DC.		X
<i>Miconia francavillana</i> Cogn.	X	X
<i>Miconia holosericea</i> (L.) DC.		X
<i>Miconia minutiflora</i> (Bonpl.) DC.	X	X
<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	X	X
<i>Tibouchina</i> sp.		X
<i>Tibouchina stenocarpa</i> (DC.) Cogn.	X	X
Meliaceae		
<i>Guarea trichilioides</i> L.		X
Mimosaceae		
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.		X
<i>Inga marginata</i> Willd.		X
<i>Inga thibaudiana</i> DC.		X
<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Willd.) Hochr.		X
Monimiaceae		
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.		X
Moraceae		
<i>Sorocea hilarii</i> Gaudich.	X	X
<i>Ficus</i> sp.		X
Myrcinaceae		
<i>Rapanea guianensis</i> Aubl.	X	X
Myrtaceae		
<i>Campomanesia viatoris</i> Landrum	X	X

Tabela 1. Vegetação do domo de Itabaiana (continuação).

	Área aberta	Área fechada
Polygonaceae		
<i>Coccoloba</i> sp.	X	X
Rubiaceae		
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	X	X
<i>Borreria</i> sp.	X	X
<i>Borreria eryngioides</i> Cham. & Schtdl.		X
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.		X
<i>Chomelia obtusa</i> Cham. & Schtdl.	X	X
<i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll. Arg.	X	X
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schtdl.	X	X
<i>Palicourea aenofusca</i> (M. Arg.) Standl.		X
<i>Palicourea marcgravii</i> A. St-Hil.	X	X
<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.		X
<i>Psychotria platypoda</i> DC.		X
<i>Psychotria</i> sp.		X
<i>Psychotria barbiflora</i> DC.	X	X
<i>Psychotria hoffmasegniana</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) Müll. Arg.	X	X
<i>Psychotria colorata</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) Müll. Arg.	X	X
<i>Randia</i> sp.		X
<i>Sabicea cf. grisea</i> Cham. & Schtdl.	X	X
<i>Spermacoce verticillata</i> L.	X	
<i>Richardia grandiflora</i> (Cham. & Schult.) Steud.	X	
Rutaceae		
<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	X	X
Sapindaceae		
<i>Allophylus edulis</i> (A. St-Hil., A.Juss. & Cambess.) Radlk.	X	
<i>Cupania revoluta</i> Rolfe	X	
<i>Cupania</i> sp.		X
<i>Serjania salzmanniana</i> Schltr.		X
Sapotaceae		
<i>Manilkara salzmanni</i> (DC.) A. J. Lam.		X
Scrophulariaceae		
<i>Angelonia gardneri</i> Hook.	X	X
<i>Angelonia cornigera</i> Hook.	X	
<i>Scoparia dulcis</i> L.	X	
<i>Torenia thouarsii</i> (Cham. & Schlech.) Kuntze.		X
Solanaceae		
<i>Cestrum laevigatum</i> Schtdl.	X	X
<i>Solanum cf. pseudoquina</i> A. St-Hil.	X	
<i>Solanum paludosum</i> Moric.	X	X
Sterculiaceae		
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.		X
Theaceae		
<i>Bonnetia anceps</i> Mart. & Zucc.	X	X
Tiliaceae		
<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.		X

Tabela 1. Vegetação do domo de Itabaiana (continuação).

	Área aberta	Área fechada
Tiliaceae		
<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.	X	X
Turneraceae		
<i>Piriqueta duarteana</i> (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Urb.	X	X
<i>Turnera hermانيoides</i> Cambess.	X	X
Urticaceae		
<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	X	X
<i>Urera caracasana</i> (Jacq.) Gaudich. ex Griseb.	X	X
Velloziaceae		
<i>Vellozia dasypus</i> Seub.	X	X
Verbenaceae		
<i>Aegiphila</i> sp.		X
<i>Lantana rugosa</i> Thunb.	X	X
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	X	X
<i>Stachytarpheta</i> sp.		X
Vochysiaceae		
<i>Vochysia elliptica</i> Mart.		X
<i>Vochysia lucida</i> Klotzsch ex M.R. Schomb.	X	X
<i>Qualea</i> sp.	X	
Xyridaceae		
<i>Xyris brevifolia</i> Michx.	X	X

Fonte: A.Vicente, 1997, 1999, 2002 e A.S.Ribeiro, 2003, 2004 – Herbários UFS e UFRPE.

Tabela 2 – Biófitas das áreas abertas, domo de Itabaiana (Yano, 1994).

Espécie	Hábitat
<i>Bryum sub-verticillatum</i> (Broth.) Ochi	áreas alagadas
<i>Calymperes palisotti</i> Schwaegr. subesp. <i>richardi</i> (C. Muell.)	troncos de árvores
<i>Campylopus arenaceum</i> (Broth.) J.P. Frahm.	solo arenoso
<i>Diplasiolejeunea rudolphiana</i> Steph.	troncos de árvores e arbustos
<i>Frullania caroliniana</i> Sull.	casca de árvores
<i>Frullania dusenii</i> Steph.	arbustos
<i>Frullania ericoides</i> (Nees) Nees	troncos de árvores
<i>Frullania gymnotis</i> Nees & Mont.	pedras
<i>Frullania neesii</i> Lindenb.	troncos de árvores
<i>Frullania riojaneirensis</i> (Raddi) Spruce	vários hábitats
<i>Leucobryum martianum</i> (Hornsch. in Mart.)	árvores próximas à água
<i>Microlejeunea ulicina</i> (Tayl.) Steph.	rochas e troncos
<i>Schiffneriolejeunea polycarpa</i> (Nees) Gradst.	troncos de árvores e arbustos
<i>Sphagnum palustre</i> L.	áreas alagadas

Tabela 3 – Pteridófitas das áreas úmidas, domo de Itabaiana.

FAMÍLIA	ESPÉCIE
Blechnaceae	<i>Blechnum serrulatum</i> Rich.
Cyatheaceae	<i>Trichipteris</i> sp.1 <i>Trichipteris</i> sp.2
Davalliaceae	<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott <i>N. pectinata</i> (Willd.) Schott
Dryopteridaceae	<i>Elaphoglossum</i> cf. <i>luridum</i> (Fée) H. Christ
Gleicheniaceae	<i>Dicranopteris pectinata</i> (Willd.) Underw.
Grammitidaceae	<i>Micropolypodium nanum</i> (Fée) A.R. Sm.
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes</i> sp.
Lycopodiaceae	<i>Lycopodiella</i> sp.
Polypodiaceae	<i>Polypodium triseriale</i> Sw.
Pteridaceae	<i>Acrostichum danaeifolium</i> Langsd. et Fisch. <i>Adiantum raddianum</i> Presl.
Schizaeaceae	<i>Lygodium volubile</i> Sw.
Selaginellaceae	<i>Selaginella</i> sp.
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris interrupta</i> (Willd.) K. Iwats.